

Home » **Revistas** » **Edição 2142 / 9 de dezembro de 2009**

[Índice](#) • [Seções](#) • [Panorama](#) • [Brasil](#) • [Economia](#) • [Internacional](#) • [Geral](#) • [Guia](#) • [Artes e Espetáculos](#) • [ver capa](#)

Livros

E Shakespeare criou o mundo

A obra do poeta abrangeu virtualmente todo o conhecimento de sua era de inovações. Um livro recém-lançado examina uma faceta proeminente dessa rica literatura: sua dimensão econômica. O autor de *Rei Lear*, afinal, morreu rico

Jerônimo Teixeira

Montagem sobre fotos de ap; AKG/Album/Latinstock e Corbis/Latinstock



O HOMEM NOVO

Shakespeare, na montagem, entre um modelo do sistema solar heliocêntrico (à esq.) e um mapa da Inglaterra (à dir.): mente inquieta, mas respeito pela antiga ordem monárquica



VEJA TAMBÉM

• Trecho: *Shakespeare e a economia*

deve mirar apenas a imaterial consagração dos séculos. A qualidade discutível da maioria dos best-sellers e blockbusters ajuda a reiterar esse preconceito – que, no entanto, é facilmente desmontado com um único exemplo histórico: William Shakespeare. O autor de *Hamlet* e *Rei Lear* foi um dos mais populares dramaturgos de seu tempo. E seu sucesso não foi acidental: sua

O adjetivo "comercial", quando usado para qualificar um romance, uma música, uma peça de teatro, carrega conotações depreciativas. O senso comum consagrou a noção de que o grande artista não se vende, de que sua obra

EDIÇÃO DA

AR

PUBLICIDADE

SERVIC

 Assir

 Face

 Twitt

 RSS

 iPhoi

 Celul

carreira nos palcos de Londres, na virada do século XVI para o XVII, foi fruto de investimento cuidadoso e bem planejado. Ele não foi apenas ator e dramaturgo: foi um empreendedor do teatro. Ao morrer, na provinciana Stratford-upon-Avon, em 1623, Shakespeare era um homem rico. A dimensão econômica de sua vida e obra está bem esmiuçada em um livro que acaba de ser lançado: **Shakespeare e a Economia** (tradução de Pedro Maia Soares; Jorge Zahar; 232 páginas; 36 reais) traz dois ensaios – um de autoria do brasileiro Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, e o outro do americano Henry Farnam (1853-1933), professor de Yale e pioneiro dos estudos econômicos sobre Shakespeare – que examinam o alvorecer da economia de mercado na Inglaterra ao tempo do bardo, e o modo como a nova realidade capitalista se imprimiu em sua obra.

Não deve surpreender que os cálculos de juros, a depreciação monetária e outras realidades comezinhas do mundo financeiro tenham ingressado na literatura de Shakespeare. Como nenhum outro escritor anterior ou posterior, o autor de *Macbeth* concentrou virtualmente toda a imaginação e todo o saber de seu tempo na vasta síntese artística que é seu teatro. Da filosofia política de Maquiavel ao conhecimento miúdo de flores e ervas, da geografia das províncias inglesas à navegação pelo Novo Mundo, Shakespeare abarca tudo e todos (*veja o quadro na pág. 199*). Sua obra, que expandiu a literatura inglesa e a imaginação humana, é antes de tudo produto do imponderável gênio individual – mas também é fruto de uma conjunção de circunstâncias históricas favoráveis. Quando nasceu, em 1564, Elizabeth I, última monarca da dinastia Tudor, ocupava o trono havia seis anos. Ela instaurou uma relativa paz religiosa no país até então violentamente dividido entre anglicanos e católicos, consolidou o poderio naval inglês e estabilizou, pelo menos em parte, um sistema financeiro combatido pela inflação. A corte também se tornou uma grande incentivadora das artes, incluindo o teatro. Nicholas Rowe, biógrafo de Shakespeare que escreveu no século XVIII, afirmou que a rainha teria encomendado ao dramaturgo a peça *As Alegres Comadres de Windsor*, pois desejava ver o bonachão Falstaff, personagem de *Henrique IV*, figurar em uma comédia. A anedota é provavelmente apócrifa – não ficaram registros documentais das predileções teatrais de Elizabeth.

James I, que assumiu o trono inglês depois da morte de Elizabeth, em 1603, seguiu incentivando as letras e as artes. A chamada *Bíblia do Rei James* – uma tradução ecumênica das escrituras, comissionada pelo monarca – é considerada um dos pilares da língua inglesa moderna (ao lado, é claro, da obra de Shakespeare). O rei também estendeu sua proteção à companhia teatral de que Shakespeare era sócio. A King's Men, como então passou a se chamar, atuava no legendário Teatro Globe, mais popular, com ingressos baratos para os pobres que se dispunham a ver as peças em pé, e no Blackfriars, recinto fechado que atendia a um público de maior poder aquisitivo. A patronagem do rei era mais política do que financeira, como mostram os números levantados por especialistas que Gustavo Franco apresenta em seu ensaio: da receita total de 1 925 libras que a companhia de Shakespeare arrecadou no período de 1603 a 1608, as apresentações na corte responderam por apenas 50 libras (para se ter uma ideia do que isso representava então, considere-se que um artesão ou um professor ganharia entre 15 e 20 libras por ano). O grande milagre cultural do tempo de Shakespeare era o público, que acorria em massa para ouvir os monólogos metafísicos do príncipe Hamlet ou as maquinações perversas de Iago. Em uma Londres de 250 000 habitantes, estima-se que 30 000 – mais de 10% – frequentavam os teatros nos fins de semana. "O autor mais erudito de todos os tempos era popular. Essa é uma experiência histórica extraordinária, que ataca de frente a mitologia do antagonismo entre arte e mercado", disse Gustavo Franco a VEJA.

Corbis/Latinstock



Londres ao tempo de Shakespeare: a população acorria em massa aos teatros nos quais se representavam peças como *Hamlet*

O economista compara os atores e empresários do teatro de então a grandes aventureiros como o navegador Francis Drake, que se arriscavam nos mares para pilhar navios espanhóis e portugueses: eram todos investidores de risco (aliás, Shakespeare retrata com acuidade os empreendimentos marítimos e suas incertezas na peça *O Mercador de Veneza*). Essa nova atmosfera de aventura e risco imprime-se até na linguagem do poeta, rica em metáforas econômicas. Em Shakespeare, há sempre mais do que a primeira leitura sugere. Tome-se, por exemplo, o final do soneto 144: "Até que o anjo do mal expulse o anjo do bem". O sentido parece transparente: mesmo quem não acredita em anjos sabe bem que criatura é essa. No entanto, o verso pode incluir um trocadilho financeiro: o "anjo" era uma das várias moedas circulantes no caótico sistema monetário que Elizabeth herdou dos antecessores. O "anjo mau" seria a moeda ruim, que teve seu metal raspado, expediente comum em uma época na qual o peso da prata poderia pagar mais do que o valor nominal da moeda.

A par do surgimento da economia de mercado, outras tantas revoluções transcorriam ao tempo de Shakespeare – examinadas com rigor em uma impressionante biografia intelectual do poeta lançada no ano passado na Inglaterra: *Soul of the Age*, de Jonathan Bate, professor da Universidade de Warwick. Em 1579, por exemplo, o geógrafo Christopher Saxton publicou o primeiro mapa preciso da Inglaterra e do País de Gales, o que deu a seus habitantes um novo sentido de pertencimento à nação. O mapa do universo também mudava: o astrônomo Thomas Digges – enteado de um amigo de Shakespeare – começava a divulgar na Inglaterra o modelo heliocêntrico de Copérnico. Bate examina as implicações políticas da ideia de que a Terra orbita em torno do Sol, e não o contrário: acreditava-se então – e essa ideia tem eco em algumas peças de Shakespeare, como *Troilus e Crésida* – que a ordem política, com o monarca no centro do estado, espelhava a ordem celeste. Mexer nesses modelos era mexer com o poder. Não estranha que a legitimidade dos reis e a possibilidade de que a coroa seja usurpada estejam em causa em tantas tragédias de Shakespeare.

Não se sabe como o vírus da lite-ratura e do teatro terá contagiado o provinciano Shakespeare. Ao contrário de dramaturgos contemporâneos como Christopher Marlowe, ele nunca frequentou uma universidade. Não conviveu com a cultura de questionamento e inovação que então fermentava em centros como Oxford. Provavelmente inspirado pelo realismo político (outros diriam: pelo cinismo) de um Maquiavel, Marlowe criou heróis humanistas, contestadores da religião e da ordem monárquica – mas monstruosamente egoístas, como o protagonista da tragédia *Fausto*, que acaba engolido pela boca do inferno. Shakespeare, observa Bate, era mais conservador: o novo homem que emerge de suas peças ainda respeita a estabilidade da velha ordem. Mas sua obra é mais densa e rica do que a de qualquer contemporâneo – e do que a de qualquer sucessor. Shakespeare não foi superado pelo mundo que nascia então: ele ajudou a criá-lo.



PATRONOS MUQUIRANAS

James I e Elizabeth I: eles protegiam as trupes teatrais, mas pagavam pouco

Teatro-enciclopédia

Ator e dramaturgo, Shakespeare não era economista, cientista, soldado nem filósofo. Sua obra, porém, é um verdadeiro compêndio do saber de sua era

O economista

Ao longo de sua obra, o bardo retrata a confusão monetária de seu tempo: alude a pelo menos **36 moedas** que circulavam então pela Inglaterra – sem contar mais trinta gírias para o dinheiro

Hoberman Collection/Topfoto/
Grupo Keystone



O filósofo

Embora seus personagens discutam temas da filosofia política, da teologia, da metafísica, é difícil determinar a posição exata de Shakespeare sobre esses temas. Alguns estudiosos aproximam sua visão de mundo daquela professada pelo ensaísta francês Michel de Montaigne (1533-1592): um ceticismo temperado pelo bom humor

O botânico

Shakespeare excede os dramaturgos contemporâneos na riqueza de alusões a flores, **plantas** e seus usos medicinais. Um bom exemplo é a coroa de "cicuta, agrião-bravo e urtiga" que o monarca enlouquecido usa em *Rei Lear*



O astrônomo

Em um diálogo de *Troilus e Créssida*, o dramaturgo reproduz a ideia de que a Terra é o centro do universo. Mas ele também diz que o Sol está posto em "nobre destaque" – um sutil aceno ao novo sistema heliocêntrico que começava a ser divulgado na Inglaterra

The Granger Collection/Topfoto/Grupo Keystone

O soldado

Shakespeare viveu em uma época de triunfo para a Inglaterra, especialmente com a vitória naval sobre a **Armada Espanhola** em 1588. Em várias obras, falou da "pompa e circunstância" (como diria Otelo) da guerra – mas também representou a perspectiva do soldado raso



NOTÍCIAS

- Brasil
- Economia
- Internacional
- Ciência e tecnologia
- Saúde
- Educação
- Vestibular
- Veja na Sala de Aula
- Esporte
- Comer e beber
- Celebridades
- Os livros mais vendidos
- RSS

REVISTAS

- VEJA
- Acervo Digital
- Destaque da semana
- Edições especiais
- Edições extras
- Edições anteriores
- Expediente
- Veja São Paulo
- Veja Rio
- O Melhor da Cidade

VEJA 40 anos

- Educação
- Ambiente
- Economia
- Imprensa
- Democracia
- Megacidades
- Fórum

VÍDEOS E FOTOS

- Vídeos
- VEJA Música
- Galeria de fotos e slideshows
- Videogaleria
- Infográficos

BUSCAS

- Pesquise em VEJA
- Acervo Digital 1968-2009
- Arquivo 1997-2009
- Capas 1968-2009
- O Melhor da Cidade
- Guia internet

COLONISTAS

- Antonio Ribeiro, de Paris
- Augusto Nunes, coluna
- Betty Milan, sexualidade
- Denis Russo, sustentabilidade
- Diogo Mainardi, coluna
- Geraldo Medeiros, nutrição
- Isabela Boscov, cinema

- Lauro Jardim, Radar on-line
- Lucia Mandel, dermatologia
- Mayana Zatz, genética
- Reinaldo Azevedo, blog
- Renato Dutra, atividade física
- Tony Bellotto, crônicas

SABER +

- Conheça o país
- África do Sul
- Irã
- Cronologia
- Roger Federer
- Roberto Carlos
- Em dia
- Em profundidade
- Gripe A
- Desastres aéreos
- Aquecimento global